

Campinas, 03 de Março de 2011.

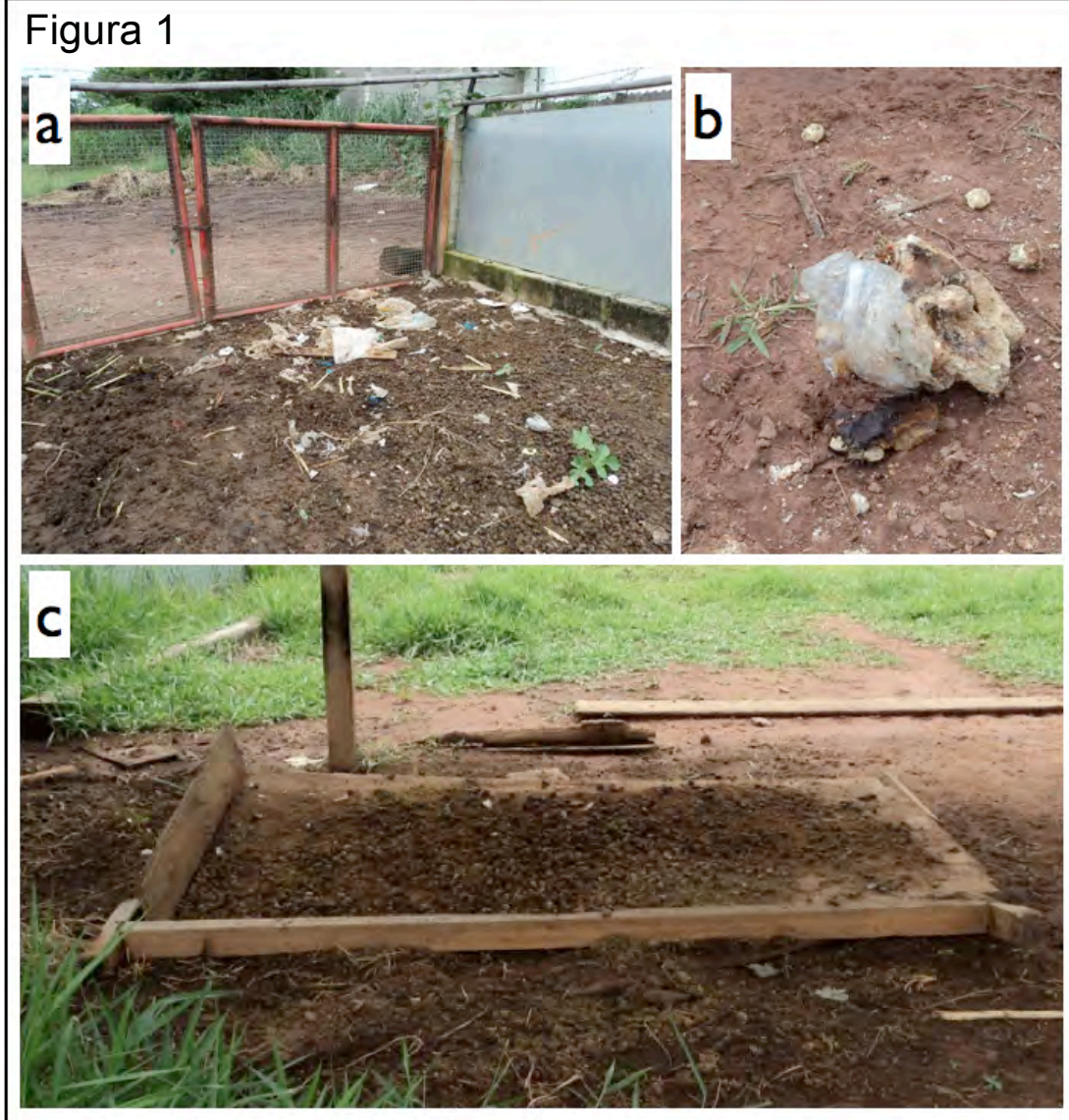
Relatório sobre a vistoria do Lago do Café onde estão confinadas as capivaras

Prezados Conselheiros e demais colegas envolvidos na luta para salvar as capivaras do Lago do Café e resolver, de fato, o problema da febre maculosa:

Dentre as inúmeras informações que estão sendo veiculadas, especialmente as originárias da Secretaria de Saúde, relativas à contaminação, pela bactéria da febre maculosa, de todos os animais confinados, boa parte delas não podiam ser confirmadas, o que nos levou a verificar in loco, como estão vivendo estes animais. Estivemos ontem, 02/03 no local, acompanhando o Dr. Roberto Stevenson, que a pedido da Dra. Rosana Mortari, do setor de Proteção Animal do 4º DP, fazia uma averiguação técnica das condições do confinamento.

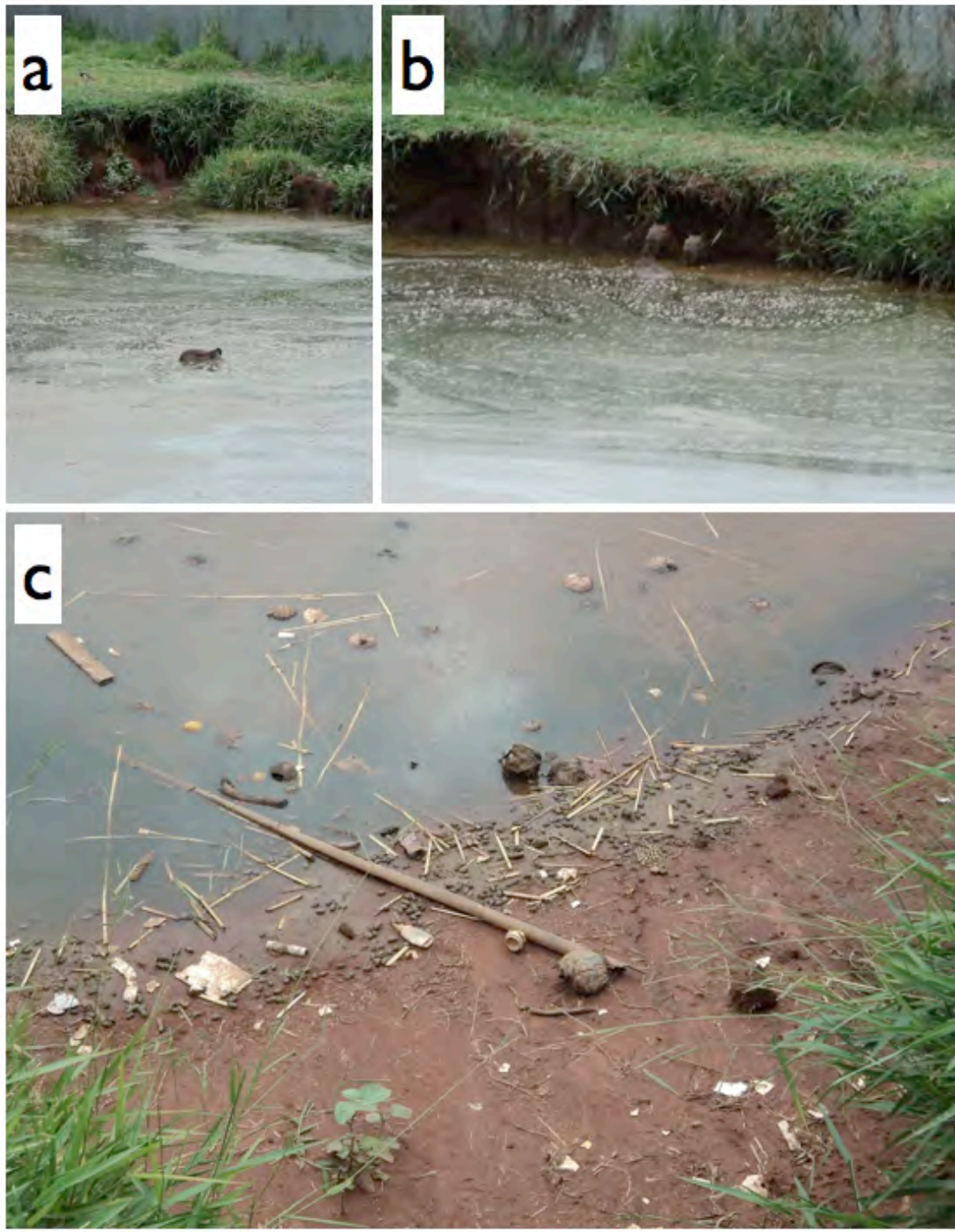
Lá chegando, conversamos com dois funcionários que estavam alimentando os animais, do lado de fora do espaço onde ficam os animais, sem nenhum tipo de proteção. Indaguei sobre a falta desta providência, e um deles respondeu que não era necessário porque eles não entravam naquele espaço, apenas jogavam o alimento (restos de verduras) com uma pá. Esta informação já revela a falta de limpeza do local.

Logo no portão de acesso, constatamos muita sujeira: lama, fezes, restos de verduras e capim (figura 1a), pedaços de plástico (figura 1b), pedaços de bambu, madeira. Existe inclusive uma pequena área coberta com telha, abrigando uma peça de madeira, parecida com um coxo e que supostamente serviria como local de alimentação dos animais. No entanto, está lotada de fezes (figura 1c).



A qualidade da água do lago é péssima (figura 2a e b), muito suja, escura, com restos de lixo nas bordas (figura 2c): madeiras, casca de coco, restos de verduras. Indagamos sobre os cuidados com o lago, e os funcionários responderam que não é necessário fazer nada! Somente em situações em que o nível da água aumenta muito são tomadas providências para que o nível volte ao normal.

Figura 2



O alimento é jogado diariamente, sem que sejam retirados os restos do dia anterior, permitindo um acúmulo de alimentos saudáveis misturados com

alimentos estragados (figura 3a e b). Fora do local onde é jogada a comida, encontramos restos de pão que devem estar lá há algum tempo em função da aparência e do mofo facilmente visualizado (figura 3c). Se a limpeza fosse feita, esses pães não estariam lá. Alguns animais foram comer estes restos enquanto da nossa visita.



Figura 4



O espaço de 2000m², está dividido em 2 partes, em ambos os locais a situação é a mesma, muito mato. No segundo local não vimos nenhuma capivara, porém o funcionário afirma existir outra que no momento, encontrava-se dentro de um buraco. Não conseguimos visualizar a capivara, apenas o buraco. Como em toda a área do parque, o espaço reservado ao confinamento está com mato muito alto e é visível que há muito tempo não é feita a manutenção da vegetação (figura 4).

Contamos 13 indivíduos, entre machos e fêmeas, adultos e filhotes – todos juntos. Segundo um dos funcionários, todos os animais ali confinados são da mesma família, pois, contradizendo as informações encaminhadas pela prefeitura, não há separação alguma, nem por sexo, nem por idade (figura 5).



Dado o fato de que o confinamento deu-se há 2 anos, causa muita estranheza afirmar que 22 capivaras desapareceram por meio de fugas e brigas! As fugas são impossíveis, a menos que o portão fique aberto. O fechamento do espaço foi feito com muros formados por placas de zinco, muito lisas e escorregadias. Surpresa ainda maior tivemos com a informação da assessoria de imprensa da Secretaria de Saúde, alegando suspensão da contagem dos animais que seria realizada ontem, em função de fugas de alguns indivíduos. Ora, estavam todos lá, e contar um a um é tarefa muito simples!

Os animais apresentam muitas falhas no pelo, indicando, segundo o Dr. Roberto, algum tipo de dermatite por estresse (figura 6). Alguns estavam com manchas de sangue, indicando brigas recentes, fato confirmado pelos funcionários (figura 7).

Figura 6



Figura 7



Como os animais não estão separados por sexo, a procriação tem sido constante, e os acasalamentos freqüentes. No tempo em que estivemos no local, presenciamos inúmeras tentativas de acasalamento (figura 8).

Para finalizar, informo que o Dr. Roberto conseguiu se aproximar bastante de algumas capivaras e, só com esta observação não foi possível verificar a

presença de carrapatos. Também no mato foram feitas algumas buscas, mas não havia carrapatos visíveis no local.



A partir destas constatações, aumentam nossas dúvidas relativas a decisão da Secretaria de Saúde de abater estes animais, usando o argumento da saúde pública.

- 1 O que foi feito, afinal, no espaço de confinamento e nos animais durante estes 2 anos?
- 2 Porque os animais não estão separados por sexo e idade, como prometido?

- 3 Porque o Centro de Estudos e Pesquisas acordado em 2008 não foi implementado?
- 4 Porque desapareceram tantas capivaras?
- 5 Qual o destino das carcaças dos indivíduos que morreram?
- 6 Onde estão os laudos atestando que todas as capivaras estão infectadas?
- 7 Onde estão os exames e diagnósticos oficiais das pessoas que morreram, supostamente, de febre maculosa?
- 8 Quais os argumentos utilizados para que o abate fosse aprovado, pelo IBAMA se não há sorologia?
- 9 Qual a relação do abate com um contrato que a Secretaria de Cultura está firmando com a Fundação Anhanguera para a construção de um espaço cultural no Lago do Café?
- 10 Se há suspeita de contaminação, porque os funcionários que frequentam o local não têm equipamentos de proteção individual?
- 11 Não há risco para a família que lá reside?

Finalizando, alertamos que estas, dentre outras dúvidas precisam ser esclarecidas, sob o risco de animais silvestres serem abatidos sem qualquer motivo que justifique, indicando assim, o mais profundo desrespeito do poder público com o bem-estar animal e a preservação da vida silvestre na cidade.

Atenciosamente,

Marisa Nunes Galvão
Secretária do CMPDA/Campinas